

As relações de biopoder na série “Os últimos dias de Gilda”

The relations of biopower in the series “Os últimos dias de Gilda”

MURIEL EMÍDIO PESSOA DO AMARAL

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
Brasil

Professor colaborador do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), bolsista Capes. Mestre e Doutor pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), doutorado sanduíche em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro, Portugal.

RESUMO

A proposta desse artigo pretende discorrer sobre as manifestações de biopoder tendo como objeto de análise a personagem Gilda da série “Os últimos dias de Gilda”, exibida pela plataforma digital Globo Play. Gilda é uma mulher periférica e não se encontra nos moldes conservadores acerca da figura feminina e é alvo de vários dispositivos da influência do biopoder. A análise se apoia no entendimento de Michel Foucault sobre o tema ao compreender que o biopoder é uma condição previsível nas esferas da convivência humana para controle dos corpos e subjetividades, mas, por outro lado, abre caminhos para a ocorrência de resistência desses corpos como modo de promover a visibilidade e reconhecimento público e político.

Palavras-chave: Biopoder; Biopolítica; Série audiovisual; Sexualidade

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the manifestations of biopower with the object of analysis of the character Gilda from the series “The last days of Gilda”, shown by the digital platform Globo Play. Gilda is a peripheral woman and is not in a conservative way about the female figure and is the target of several devices influenced by biopower. The analysis is based on Michel Foucault’s understanding of the topic when he understands that biopower is a predictable condition in all spheres of human coexistence for the control of bodies and subjectivities, but, on the other hand, opens paths for the occurrence of resistance of these bodies as a way of promoting public and political visibility and recognition.

Keywords: Biopower; Biopolitics; Audiovisual series; Sexuality

1. INTRODUÇÃO

A proposta desse artigo é de fazer uma pesquisa empírica sobre as relações de biopoder que se encontram presentes na trama da série *Os últimos dias de Gilda*, de direção de Gustavo Pizzi, exibida pela Globo Play aos assinantes^[1] da plataforma. O artigo terá foco na performance da personagem que nomeia a produção. Gilda é uma mulher branca, de um bairro periférico carioca, independente e apresenta, aos olhos dos vizinhos, comportamentos inadequados à suposta moralidade do local. Além disso, a personagem não é monogâmica e é fiel às religiões de matriz africana, motivos que fazem com que ela sofra discriminação. A discussão do artigo parte da influência do biopoder sobre os corpos, subjetividades e modos de sociabilidade que, no caso em análise, é uma mulher que apresenta signos que não são bem vistos pela vizinhança conservadora.

Para que sejam analisadas as passagens da trama, primeiramente, serão apresentadas as ideias de Michel Foucault (1998, 2008, 2014) sobre o tema. De acordo com Foucault (1998), a sociedade contemporânea foi estruturada, em grande medida, pelo viés do binômio biopoder/biopolítica, o que contribui para compreender que as relações de gênero e dos sexos como dispositivos de poder para hierarquização e dessubjetivação de sujeitos e grupos que estivessem alheios aos discursos de poder.

O artigo traz reflexões mais contemporâneas que destrincharam as ideias foucaultianas e avançaram no debate sobre poder e resistência. Negri (2016), por exemplo, considera que o biopoder e a biopolítica edificaram as relações contemporâneas da racionalidade instrumental a ponto de determinar os caminhos econômicos da sociedade. Em outra observação, Díaz (2010) acredita que o biopoder influencia a construção dos gêneros e estabelece estratificações e controle, assim como apresentou Foucault, entretanto, segundo a autora, o poder não se articula exclusivamente enquanto uma potência punitiva, mas como promotora de ação que pode, inclusive, garantir segurança e prazer. De acordo com a autora, as estratégias de poder mantêm distantes possíveis corpos, discursos e práticas considerados indesejáveis à moral dominante e, por isso, sua atuação promove gozo.

Se por um lado há a intenção de controlar aquilo que pode ser uma ameaça, por outro lado, os corpos e grupos que são atravessados pelo biopoder também resistem, segundo Butler (2006, 2016). Mesmo sendo alvos de violência e de precarização de representação e visibilidade e, assim, serem considerados descartáveis, esses corpos resistem e alçam caminhos para representatividade e posicionamento públicos. No caso em questão, a resistência acontece na defesa da própria visibilidade do espaço público e na luta também pela preservação do espaço privado. A privacidade da personagem foi transgredida em várias passagens e, de acordo com

Arendt (2016, 1989), o espaço privado apresenta importância para a condição humana para o atendimento das necessidades da vida.

A segunda parte do texto é destinada a construir a interface de modo empírico entre as considerações teórico-metodológicas apresentadas e as cenas da série como demonstrações de ações do biopoder. Houve discursos que promoveram a intenção de formatação da personagem de acordo com as representações da mulher colonizada e domesticada pelos valores oitocentistas, como apresenta Rago (1985). Além dessas propostas, há a intenção da vizinhança de domar também os desejos e as práticas sexuais de Gilda a partir da hierarquia convencional entre homens e mulheres (RUBIN, 2017).

REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

As relações de poder permeiam uma parte considerável da produção intelectual de Michel Foucault (1988, 2014, 2011) e serão muito úteis para analisar a desenvoltura da personagem central da série. Foucault (2014) compreende que o poder se encontra a par da fluidez e da instabilidade de manifestação. De acordo com o pensamento do autor, o poder não existe; o que existem são relações de poder que não são permanentes e encontram-se em constantes embates. Por esta perspectiva, ele desenvolveu a ideia de biopoder e de biopolítica e reconheceu suas atuações em diversas esferas da existência humana. Assim, o poder não é um feito que apresenta uma natureza universal, mas invade o cotidiano em campos menores, mas de modo concreto. Como discorre Negri (2016, p. 157-158), o:

Biopoder é um conceito que investe as dimensões do econômico, do político e da consciência – (...) é um conceito que representa a síntese do moderno enquanto racionalidade instrumental da ação econômica que determina uma progressão cada vez mais abrangente do domínio capitalista, e, enfim, enquanto ação comunicativa eficaz que afeta as consciências (...) o biopoder é a força que, ao investir a totalidade da vida, abarca a totalidade dos eventos que a constituem.

Entretanto, é importante salutar que para Foucault o poder é exercido apenas na condição de resistência, ou seja, onde há a submissão completa não há a ocorrência de poder. Para além disso, Foucault observou que a atuação do poder não se manifesta, depois da Era Moderna, na intenção meramente de executar vidas, mas no propósito de aliciar corpos que possam ser interessantes aos modos de produção dos discursos dominantes. A disciplina dos corpos perde parte do terreno de atuação para dar espaço às ações de controle; isso não quer dizer que as

estratégias disciplinares sejam anuladas, mas recebem outras reconfigurações que podem ser naturalizadas e incorporadas nas relações sociais.

Díaz (2010), baseada em Foucault, acredita que a sociedade contemporânea estabelece ordens para controle que não se limitam à imposição de castigo aos supostos infratores, mas avança para a seguridade própria e de pequenos grupos. Para a autora, "(...) o controle é global e se expande a céu aberto" (DÍAZ, 2010, p. 15) o que sugere que essas demonstrações não são veladas e podem ser incorporadas ao cotidiano da vida. Por isso, Díaz também compartilha da ideia de que o poder exercido pelo controle também produz prazer, uma vez que afasta aqueles que possivelmente ofereceriam risco à seguridade da sociedade. Essa ideia será explorada com mais afinco para explicar o poder exercido pela vizinhança sobre o comportamento de Gilda em relação à sua vida sexual e privada.

Foucault (1988) explicita que o uso e as formas de interpretações dos sexos, das sexualidades e dos desejos são dispositivos que promovem a categorização, a estratificação social e o sentido da representação para a fundamentação e circulação dessas estratégias de poder. A atuação do biopoder explica a intenção de subjugar, domesticar, controlar e disciplinar corpos e subjetividades que se encontram em choque com as práticas e discursos de poder, para além das ações do Estado que objetivam o pastoreio do rebanho representado pela população. Os tentáculos do biopoder também podem ser observados na atuação da ciência, da Medicina, das práticas jurídicas, pedagógicas e escolares que objetivam a docilização dos corpos.

Conforme aponta Foucault (1988), até o século XVII, coube à figura do soberano o exercício da disciplina dos corpos e dos comportamentos, além de selecionar aqueles que seriam dignos de permanecerem vivos ou serem remetidos à morte. Apesar da existência da lei, era a figura soberana que gestava o espaço público de acordo com o poder da espada que carregava nas mãos. A partir do século XVIII, pela consolidação dos modos de produção capitalistas e pela necessidade de controle da vida, as artimanhas promovidas pelo soberano deram espaço aos controles mais naturalizados das vidas humanas. Assim, não procedia mais a subtração, o empobrecimento e a escravização dos corpos, ainda mais quando praticados pelo Estado, segundo Foucault (1988), os dispositivos se articulam no acompanhamento dos corpos e na otimização das suas capacidades que visariam maior eficiência e desempenho produtivista.

Segundo Foucault (2008, p. 06), as sociedades modernas a partir do final do século XVIII acreditaram que o Estado precisaria governar e isso era "fazer que o Estado possa se tornar sólido e permanente, que possa se tornar rico, que possa se tornar forte diante de tudo o que pode destruí-lo" e o agenciamento desta ideia não se limitava apenas no exercício da economia pelo modo liberal, mas também no acompanhamento da vida da população com a intenção de fomentar uma sociedade supostamente mais produtiva e saudável.

Se por um lado, o biopoder regulou populações e nações, a sua atuação não se limitou apenas a grandes contextos, mas também foi produzido e reproduzido em pequenas realidades para atuar sobre os corpos, segundo Taylor (2018). Essa proposta também promoveu a subjugação e a hierarquização de sujeitos e grupos e não competia exatamente à influência do Estado para o seu vigor, mas pontua a presença de outras instituições como escolas, prisões, organizações religiosas, exército e asilos para promoverem a organização e controle das vidas e provocarem a ortopedia social àqueles que não se enquadrariam à gramática do poder. Taylor (2018, p. 62) considera que o biopoder:

(...) é capaz de acessar o corpo porque funciona através de normas em vez de leis, porque é internalizado por sujeitos em vez de exercido de cima mediante atos ou ameaças de violência, e porque está disperso por toda a sociedade em vez de localizado em um único indivíduo ou organismo do governo.

As considerações da autora fazem jus aos discursos e práticas que estão disseminados e que são produzidos e reproduzidos enquanto normas regulatórias a ponto de se tornarem códigos morais e de sociabilidade. Destarte, não há possibilidade de desvencilhar as ações do biopoder da atuação da microfísica do poder e reconhecer que práticas e discursos que se encontram em circulação exercem poder sobre as vidas em sociedade. Do ponto de vista da sexualidade, a atuação do biopoder desenvolveu a estratificação das práticas sexuais, dos desejos e das identidades estabelecendo divisórias rígidas, embora fantasmagóricas^[2], sobre aquilo que seria saudável, legal e permitido.

Para Foucault (1988), o entendimento da sexualidade e do desejo apenas pelo viés científico, aliado às práticas do biopoder, desenvolveu uma série de hierarquias que consideraram algumas práticas como sendo perversas. O médico psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing lançou, em 1886, o livro *Psychopathia Sexualis* em que apresenta comportamentos e desejos considerados perversos como, por exemplo, a homossexualidade, pedofilia, zoofilia e a masturbação infantil, sendo que essas práticas estavam praticamente em mesmo nível de igualdade.

De acordo com o autor, como consta no prefácio do livro, a intenção era de apresentar as origens e as causas dos comportamentos ditos alheios à órbita normativa, ou seja, a proposta de Krafft-Ebing não foi de analisar ou apresentar a sexualidade humana, mas de desenvolver categorias acerca daquilo que seria supostamente aceitável e saudável. Os fundamentos sobre a sexualidade, segundo esses preceitos, na verdade, promoveram aspectos morais ao enquadrar todas as práticas fora do padrão normativo como condições que precisam ser tratadas como desviantes. Para Foucault, a sociedade do século XIX e a atual:

(...) querer erguer a barreira demasiado rigorosa ou geral contra a sexualidade tivesse, a contragosto, possibilitado toda uma germinação perversa e uma séria patologia do instinto sexual. Trata-se, antes de mais nada, do tipo de poder que exerceu sobre o corpo e o sexo, um poder que, justamente não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição: ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidades singulares. Não fixa fronteiras para a sexualidade, provoca suas diversas formas, seguindo-as através de linhas de penetração infinita. Não a exclui, mas inclui no corpo à guisa de modo de especificação dos indivíduos. Não procura esquivá-la, atrai suas variedades com espirais onde prazer e poder se reforçam. Não opõe uma barreira, organiza lugares de máxima saturação. Produz e fixa o despropósito sexual. A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente. (FOUCAULT, 1988, p. 54-55)

Destarte, a sociedade contemporânea promove o tratamento, o acompanhamento e a vigilância constantes do comportamento a ponto de desejar que a figura supostamente desviada como sendo digna de pertencer ao espaço público. Em alguma medida, o comportamento de Gilda poderia ser considerado inadequado e digno de ser alterado pelos dispositivos de poder porque está em desarranjo quanto às expectativas esperadas de uma mulher dentro dos parâmetros estipulados pelas práticas e discursos do local em que morava.

Há papéis que são expectados pela sociedade quanto ao gênero feminino e que são estabelecidos pela ordem do biopoder que precisam ser seguidos de forma mais fiel possível. Pelo viés foucaultiano, Lauretis (1994, p. 207) pontua que a organização da sociedade com linhas firmes entre homens e mulheres elaborou “ (...) práticas e discursos específicos e criaram-se espaços sociais (espaços gendrados, ou seja, marcados por gênero (...)) e acabaram por se tornar uma limitação (...)”. A visão da autora apresenta que o biopoder domestica e reduz as representações do gênero a signos refratários sem a possibilidade de evolução para além dos sentidos estigmatizados, além de naturalizar esses códigos enquanto práticas morais e éticas de reconhecimento dos gêneros.

A formação dos espaços e das atitudes previamente estabelecidas e atribuídas aos gêneros masculinos e femininos pela força do biopoder reforça a consignação de divisões ao tonificar aspectos do patriarcado e da dominação masculina por afirmar que “o poder masculino atravessa todas as relações sociais, transforma-se em algo objetivo, traduzindo-se em estruturas hierarquizadas, em objetos, em senso comum” (SAFFIOTI, 2001, p. 119). Em outra perspectiva analítica, Saffioti afirma a necessidade de pensar as relações de poder que:

(...) Não apenas no que concerne às relações de gênero, mas também atingindo as interétnicas e as de classes, pode-se afirmar que mecanismos de resistência estão sempre presentes, alcançando maior ou menor êxito. (SAFFIOTI, 2001, p. 120)

Esse entendimento da Saffioti ilustra que as questões de violência são interseccionais (COLLINS; BILGE, 2021, CRENSHAW, 2002), ou seja, há outras variantes para além do gênero

para analisar a violência como, por exemplo, a classe social e raça. No objeto empírico da análise desse artigo, além das questões de gênero, a violência também avança sobre o desejo e sobre as questões de intolerância religiosa.

O movimento de resistência que constrói a relação de poder, de acordo com Butler (2006, 2017), apresenta que, mesmo havendo normas que modalizam os corpos e as subjetividades, há a luta para visibilidade e reconhecimento político desses corpos. Para a autora, há vidas que são consideradas descartáveis pela influência de normatização e silenciamento a que são submetidas, todavia, na contramão da ideia apresentada por Giorgio Agamben^[3] (2010), que discorreu sobre a vida nua, ou seja, a existência que pode ser eliminada sem que isso cause dolo ou responsabilidade, Butler (2006) reconsidera que há vidas que são descartáveis e precárias, mas que resistem a essa condição. Butler (2015, p. 78), considera que:

A vida, concebida como vida precária, é uma condição generalizada, e sob certas condições políticas se torna radicalmente exacerbada ou radicalmente repudiada. Essa é uma cisão em que o sujeito declara justa sua própria capacidade de destruição ao mesmo tempo em que procura imunizar-se contra a consciência de sua própria precariedade.

A ideia apresentada por Butler retrata de modo significativo a representação de Gilda: ao mesmo tempo que a personagem tem ciência da sua realidade e da sua condição no bairro em que mora, ela não se anula e resiste para ter visibilidade e seu próprio reconhecimento, buscando forças entre pessoas que se afeiçoam a ela.

O arcabouço elaborado para esse artigo foi composto com o objetivo de analisar as tramas que envolvem as relações de gênero e violência a partir da necessidade de vigorar a influência do biopoder sobre a personagem principal da série. A próxima parte do artigo se propõe em analisar empiricamente como os domínios do biopoder estão infiltrados para desumanizar Gilda e todo o seu universo e, mesmo sendo alvo de controle dos discursos moralistas e conservadores, ela resiste ao poder e violência aos quais é submetida.

DESENVOLVIMENTO

A série “Os últimos dias de Gilda” foi criada e exibida primeiramente pelo Canal Brasil, um dos canais de TV por assinatura do Grupo Globo de Comunicação e, desde 27 de novembro de 2020, está disponível nos meios streaming dos Canais Globo e Globo Play. A série foi uma adaptação de um monólogo teatral concebido por Rodrigo de Roure em 2004 e que voltou aos

palcos em 2018. A atriz Karine Teles interpreta a personagem principal na série e também nos tablados. Até fevereiro de 2021, a série apresentou apenas uma temporada, sendo dividida em quatro episódios de quase 30 minutos cada um deles. As cenas mesclam a linguagem teatral à linguagem de produções audiovisuais quando, por exemplo, faz inserções de Gilda apresentando receitas em fundo escuro sem a produção de um cenário ou na cena de sexo que contracenava com um dos seus parceiros sexuais e uma vizinha.

Gilda é uma profissional autônoma que se sustenta com a venda de cortes suínos e de frangos, além de ter dotes culinários significativos. Mora sozinha em um bairro periférico carioca e que em certo momento da trama passa a ser controlado pela milícia. Ela tem um filho, que aparece no terceiro episódio e, ao que tudo indica, mora com a mãe dela em outro lugar que não é possível identificar. Além disso, a personagem é fiel às práticas religiosas de matrizes africanas, frequenta os rituais e mantém convivência amistosa com demais devotos do terreiro. A convivência é conflituosa com a parcela conservadora da vizinhança que se incomoda com seus hábitos. A situação da personagem é mais crítica na convivência com uma de suas vizinhas, chamada Cacilda, uma mulher casada e cristã evangélica cujo marido, Ismael, é candidato a vereador.

Logo no primeiro episódio, há o anúncio da candidatura de Ismael e uma das estratégias de publicidade da campanha é afixar cartazes com a imagem dele às portas e paredes das casas do bairro. Gilda não é solidária à candidatura dele e impede que os cartazes sejam afixados e solicita gentilmente que sejam retirados os que já foram postos a seu contragosto. No dia seguinte, a parede da varanda da casa dela amanhece com os escritos “Só Jesus expulsa a pomba-gira”, um movimento de intolerância religiosa.



FIGURA 1: Frame

Fonte: Captura de tela/ Os últimos dias de Gilda (2020)

A primeira demonstração que a série traz acerca do biopoder é a interferência na em assuntos privados e que não deveriam ser compartilhados no espaço público. A invasão de assuntos privados ao espaço público é um dos pontos que Arendt (2016, 1989) elegeu para que ocorresse a fragmentação da ação política. De acordo com autora, deveria haver linhas muito firmes para distinguir aspectos privados e públicos. Pelas palavras de Arendt (2016, p. 33) “o cidadão pertence a duas ordens de existência, e há uma grande diferença em sua vida entre aquilo que lhe é próprio (*idion*) e aquilo que lhe é comum (*koinon*)”, isto é, o comum diz respeito ao público e não compete ao ambiente doméstico e à vida privada.

Para Arendt (2016), ao espaço público é destinada a ação política e os assuntos que dizem respeito à organização da pólis. Os temas condizentes à vida privada devem ficar restritos ao ambiente doméstico porque não avançam à necessidade de debate coletivo como, por exemplo, as escolhas religiosas e as práticas sexuais. Aniquilar e dessubjetivar sujeitos ou grupos é um movimento de violência porque não reconhece as subjetividades, as representações simbólicas e as questões privadas definidas pelo sujeito.

Arendt (1989) pontua que uma das origens do totalitarismo da primeira metade do século XX foi o antissemitismo praticado pela intolerância ao povo judeu, o que provocou também a intervenção nos aspectos privados. A intenção não é de igualar o horror do fascismo à intransigência sofrida pela personagem, até porque, mesmo sendo verossímil as passagens da série, ainda é uma obra ficcional; entretanto, há movimentos de controle e intolerância contra aqueles que não se enquadram aos parâmetros considerados supostamente normais daquele espaço.

Destarte, a condição de Gilda em ser praticante de rituais de matriz africana é digna de ser desrespeitada ao ponto de ser alvo das estratégias do biopoder e sofrer violência por isso. Dias após ter a sua casa vandalizada, o terreiro que frequentava também foi cenário de depredação ao ser parcialmente destruído. A invasão ao local de culto ocorreu dias após a milícia dominar a região em que Gilda mora.

A vida privada da personagem também foi mira de intervenção para além das práticas religiosas quando a vizinhança traz à luz a aversão aos seus desejos e suas práticas sexuais. Pelos episódios da primeira temporada, não é possível identificar se Gilda foi casada, se é divorciada ou mãe solteira, entretanto, é possível identificar que ela não é monogâmica e essa condição não é um segredo para seus vizinhos, nem para os seus parceiros que são quatro homens de diferentes perfis que surgem durante a trama.

Gilda não se prende a valores basilares burgueses e nem a modelos convencionais da heterossexualidade normativa quando se relacionar com um dos seus parceiros, Wallace, na companhia de uma vizinha, Jandira. A cena em que mostra o trio transando evidencia que todos estão muito à vontade naquela condição, entretanto o incômodo parte dos vizinhos que se não

suportam ouvir os gemidos do ato e não toleram que aquela prática seja realizada no mesmo bairro em que são pregados valores moralizantes e cristãos. Essa passagem caracteriza mais uma demonstração de biopoder ao renegar a ocorrência do sexo e dos desejos fora dos moldes tradicionais.

O repúdio ao comportamento de Gilda pode ser analisado pela perspectiva de considerar o gênero como manifestação de controle, segundo aponta Lauretis (1994). A prática libertária do sexo realizada por Gilda infringe o que se esperava do comportamento sexual de mulheres pelo olhar conservador. Segundo Gayle Rubin (2017), baseada na docilização de corpos e domesticação das sexualidades de Michel Foucault, há uma espécie de categorização piramidal da sexualidade humana em que no topo encontram-se os casais heteronormativos e abaixo desse estrato encontram-se todas as demais manifestações consideradas inferiores a essa condição:

A sexualidade do casal heteronormativo (constituída na monogamia, na celebração religiosa e com propostas reprodutivas) seria considerada: ‘boa’, ‘normal’ e ‘natural’ [...] *Qualquer forma de sexo que viole essas regras é ‘má’, ‘anormal’ ou ‘não natural’*. O sexo mau pode ser homossexual, *o que acontece fora do casamento, promíscuo*, não procriador ou comercial. (RUBIN, 2017, p. 85, grifo nosso)

Em grande medida, Gilda perverte a estrutura piramidal elaborada pelo poder que define aquilo que pode ser supostamente bom e saudável e avança para as práticas consideradas inaceitáveis da moral e dos bons costumes. Os seus desejos fazem com que ela seja rechaçada publicamente e tenha sua privacidade violada. O domínio exercido pela vizinhança sobre Gilda remete às representadas esperadas de uma mulher desenhadas por Rago (1985) em pesquisa realizada tendo como recorte sobre a classe operária no Brasil entre os anos de 1890 a 1930. De acordo com a autora, a mulher passou por processos de colonização do corpo, da subjetividade e do espaço a ocupar até mesmo no campo de trabalho. Naquele momento, houve a intenção de promover a desodorização tanto do espaço a ser ocupado como a higienização dos papéis que seriam desempenhados no espaço doméstico das famílias de operários. Rago (1985, p. 62) acredita que:

A promoção de um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, e uma preocupação especial com a infância, percebida com a riqueza em potencial da nação construíram as peças mestras deste jogo de agenciamento das relações intrafamiliares. À mulher cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio. (...) Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada.

Apesar das mulheres começaram a desempenhar atividades laborais fora do espaço da casa, “o retrato da mulher pública é construído em oposição ao da mulher honesta, casada e boa mãe, laboriosa, fiel e dessexualizada” (RAGO, 1985, p. 90). Mesmo havendo essa condição de

formação sobre seu corpo e desejos, Gilda mantém seus comportamentos e vivências. Entretanto, há dispositivos que diligenciam que ela seja assexuada e desprovida de desejo, até porque é mãe e seu comportamento, ao juízo da vizinhança, não seria adequado à figura materna.

No terceiro episódio, Ismael desaparece sem deixar vestígios e Cacilda acredita piamente que ele está escondido na casa de Gilda. Em certo momento, o pastor da igreja que o casal frequentava insinua que irá invadir a casa de Gilda para resgatar Ismael ao afirmar que aquela rua pertence a Deus. O ato é impedido por Wallace que, além de ser um dos seus parceiros, é também policial e um dos responsáveis pela segurança do bairro, e dissipa o imbróglio empunhando uma arma. Dias após o ocorrido, Wallace é assassinado por um grupo de milicianos que passa a controlar o local sob a batuta do Comandante Jordão e seus comparsas. Após a execução de Wallace, Jandira tem a sua casa invadida pelos milicianos a procura do caderno do policial morto, eles não explicam o que seria exatamente o caderno. Mesmo Jandira alegando que Wallace não morava com ela, a casa foi revirada o que a levou a se mudar para outro lugar. Jandira convida Gilda para que vá embora com ela, mas esta se recusa. O trecho apresentado evidencia que o biopoder também intervém no espaço privado por forças paralelas à atuação do Estado que, no caso, são as milícias.

Naquela noite, Gilda teve o seu quintal invadido e um dos seus porcos envenenados. Desesperada, já que não é a primeira vez que isso acontecia, ela vai à rua com o animal morto em punho e exige explicações de Cacilda. Na discussão, Cacilda diz que não sabe sobre o ocorrido e afirma que pessoas como Gilda precisam ser extirpadas do bairro por conta das suas práticas sexuais: “Você é um mal que precisa ser extirpado. / Tô dentro da minha casa. / Quero que você morra. / Mas, estou viva, bem viva, vivíssima!” (OS ÚLTIMOS DIAS..., 2020). Estar viva, nesse caso para Gilda, não se limita apenas a condição de existir no mundo, mas de participar do mundo e ser reconhecida por isso como movimento de visibilidade. Se por um lado há a intenção de silenciamento e exclusão daqueles que são interditos pelo poder, por outro lado, há também a resistência, como apresentou Butler (2006, 2015).

O desprezo pela vida de Gilda tem aderência por grande parte da população do bairro. No momento da discussão citada, começa a chover fortemente e Gilda é alvejada por tomates que são remessados pelos demais vizinhos que condenam seu estilo de vida. Mesmo ao chão, em condição de vulnerabilidade e indefesa, o ataque persiste. A cena exprime uma condição de biopoder, pela perspectiva de Negri (2016), uma vez que não há leis, mas sim normas que irão reger os modos de sociabilidades nos pequenos contextos ou, como apresenta Foucault (1988, p. 55), há “um poder que, justamente não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição: ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidades singulares”.

O fato dela ser atacada pelos vizinhos pode ser entendido também pelas considerações de Díaz (2010) quando a autora menciona que o controle promove o prazer. Como Gilda representa

os valores que precisam erradicados, as ações para depurar essa condição causa prazer e segurança para aqueles que apresentam aversão aos comportamentos da personagem.



FIGURA 2:

Fonte: Captura de tela/ Os últimos dias de Gilda (2020)

A cena da série se assemelha à passagem bíblica em que Jesus Cristo teria perdoado e, de alguma forma defendido, uma mulher, supostamente Maria Madalena, que seria apedrejada por populares ao ser flagrada em adultério. Entretanto, ao contrário da estória narrada no Novo Testamento, Gilda foi atingida sem piedade e o alvoroço foi dissipado pelos policiais milicianos que surgiram no local disparando tiros ao ar, mas nenhum deles ofereceu apoio ou proteção e passaram à Gilda passando de forma indiferente quando ela ainda se encontrava ao chão. A naturalidade como aconteceram a desumanização e a indiferença pela personagem reforça a ideia que seu corpo e suas práticas são dignas de serem eliminadas.

Como o biopoder não se contenta em apenas agir sobre os corpos, mas a tudo aquilo que remete ao sujeito discordante, a força de atuação também atinge o filho de Gilda, um garoto de aproximadamente 10 anos. Em uma cena à noite em que a vizinhança se encontrou para confraternizar, o menino passa por Gilda com o rosto machucado e ao exigir uma explicação, ele se recusa a falar à mãe, mas depois cede ao afirmar que brigou em defesa da imagem de Gilda que foi insultada por outros meninos do bairro. Após esse acontecimento, no dia seguinte, o menino e mãe da personagem retornam à casa deles e Gilda ainda permanece no bairro.

Em outro acontecimento, um outro parceiro dela, Alvinho, um rapaz mais novo, poeta e artista, sofre perseguição pelos policiais milicianos quando chegou ao bairro. Ao ser detido, ele foi torturado para esclarecer que tipo de cigarro que portava e foi obrigado a engolir as folhas em que estavam escritos seus poemas, além de jurar que não apareceria mais nas redondezas sob pena de ser morto. Em grande medida, a presença do rapaz e a presença do filho de Gilda

são os atestados da impureza moral que precisaria ser depurada.

Quando a milícia assumiu o controle do bairro, Jordão, que também assumiu o posto de candidato a vereador no lugar de Ismael, afirmou, com a bíblia em mãos, no evento de divulgação de sua candidatura, que aquele bairro iria servir ao Senhor. O gesto foi aplaudido pelos presentes, inclusive por Cacilda. Com o anúncio da candidatura, os cartazes voltaram às portas e muros das casas, agora afixados por policiais milicianos armados e, desta vez, Gilda aceitou a afixação por constrangimento.

Os discursos do miliciano mesclados à religião que prezam pela obediência e controle podem ser interpretados como manifestações do biopoder. A influência dessa qualidade de discurso pode ser analisada, sob a ótica de Ruiz (2016), como sendo o poder do pastoril que está relacionado aos cuidados e à preocupação do pastor sobre o seu rebanho objetivando à limpeza dos males e de todas as interferências que possam ser supostamente nocivas ao grupo. Além do poder do pastor ser considerado um dever sob seu rebanho de modo natural e sem muitos questionamentos, para o pastor “(...) não é um privilégio exercer o poder, mas uma responsabilidade, um dever” (Ruiz, 2016, p. 8).

A invasão de privacidade, a fragmentação da visibilidade pública e a intenção de manter o controle da população puderam ser vistas quando os milicianos, ao que parece, a pedido de Cacilda, invadiram a casa de Gilda em busca de Ismael. Mesmo tendo a casa revirada e constando que ele não estava escondido na casa dela, ambas se sentam uma lado da outra e Gilda afirma “Ele vai voltar” e, de fato, isso aconteceu no final do terceiro episódio. Ismael retornou ao bairro alegando que estava sendo pressionado emocionalmente. A sua fuga é um sintoma do biopoder, uma vez que seu comportamento deveria estar à altura da representação homem criados pelas estratégias discursivas religiosas e da masculinidade dominante.

Ao fim e ao cabo da análise, conforme apontou Foucault (2008), o poder existe porque há resistência e conflito e, segundo Butler (2006), mesmo havendo vidas descartáveis há possibilidades de resistência para enfrentar essa condição; e a série apresenta esse movimento nas cenas finais. A solidariedade de Gilda à Cacilda não se restringiu à consolação na varanda, mas também quanto aos assédios praticados por Jordão sofridos por Cacilda. Durante o desaparecimento de Ismael, Jordão a assediava passando a mão no rosto dela de modo invasivo e alegando que poderia substituir o marido no papel de uma companhia masculina.

Na última cena do último episódio, de baixo de chuva e atirando aleatoriamente com seu revólver, Jordão ordena aos gritos que todos devem obedecer ao toque de recolher. Gilda, que estava voltando para casa, se recusou a ir para casa e junto às demais mulheres da série, incluindo Cacilda, a sua mãe, Jandira e outras figuras femininas coadjuvantes que apareceram pontualmente na trama intimidaram o miliciano. Oferecer resistência aos movimentos de biopoder é, dentro de alguns cenários, a iniciativa mais cabível para visibilidade pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela proposta de Michel Foucault, a interferência do biopoder não se enquadra apenas na sugestão de estabelecer a disciplina dos corpos e dos grupos. As ações de controle se desenvolvem na intenção de acompanhar, investigar, classificar e, dentro do possível, influir na vida dos sujeitos que estariam em desacordo com a moral imposta pelos discursos de poder. Por forjar suposta normalidade em suas ações, o controle pela relação de biopoder não nasceu a partir da violência, a despeito de fomentá-la pela desumanização e dessubjetivação de determinados grupos. A influência do biopoder se manifesta pelas ações que são propostas e compartilhadas no intuito de construir certa normalidade e naturalidade.

A moral do biopoder pôde ser observada pela análise elaborada em que a personagem Gilda tem sua vida controlada e vigiada pelos vizinhos a partir dos discursos de poder que prezam pela hipotética moralidade. Pelas considerações construídas ao longo do texto, a influência do biopoder sobre a existência de Gilda promove em seus vizinhos a sensação de segurança porque os elementos que colocam em risco a saúde moral da vizinhança são controlados e, de alguma forma, enfrentados. Pelas práticas da vizinhança, o gozo e o desejo de Gilda não podem ser da forma como ela planeja, mas devem estar de acordo com a domesticação e docilização pregadas pela ordem discursiva sobre o que se espera do comportamento convencional de uma mulher. A existência de Gilda fere os códigos morais do bairro que, por sua vez, torna-se um ambiente microcômico monitorado e vigiado pela ordem do poder vigente.

Mesmo tendo como resultado a hierarquização e silenciamento público, as vidas que são consideradas descartáveis e precárias oferecerem resistência enquanto formas de promover visibilidade e participação na ação política. Em grande medida, Gilda se manifesta por esse caminho quando resiste à invasão de privacidade e aos dispositivos que insistem na refração dos seus comportamentos e desejos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos aliados y lucha política**: hacia una teoría performativa de la asamblea. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2017.
- BUTLER, Judith. **Precarious life**: the powers of mourning and violence. New York/London, 2006.

- BUTLER, Judith. **Quadro de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da Discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- COLLINS, Patrícia H; BILGE, Silma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DÍAZ, Esther. **Las grietas del control**: vida, vigilancia y caos. Buenos Aires: Biblos, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- LAURETIS, Tereza. A tecnologia de gênero. HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 206-242.
- NEGRI, Antonio. **Quando e como li Foucault**. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- RUIZ, Castor Bartolomé. O pastor pastoral, as artes de governo e estado moderno. **Cadernos IHU Ideias**, v. 14, n. 241, p. 1-32, 2016.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. As contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 115-136, 2001.
- TAYLOR, Chloë. Biopoder. TAYLOR, Dianna (Org.). **Michel Foucault**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 58-75.

-
- [1] Em janeiro de 2021, a série ficou disponível gratuitamente a internautas que não era assinantes da plataforma.
- [2] Conforme aponta Butler (2017, p. 37) “las normas culturales de género tienen siempre una dimensión ideal, cuando no ilusoria, y aunque los seres humanos que han de adoptarlas quieran reproducir y asumir tales normas, ciertamente también son conscientes de que existe un persistente desfase entre estos ideales”.
- [3] Agamben (2010) fez releituras atualizadas a partir de Michel Foucault e Hannah Arendt quando desenhou o conceito de vida nua. Para Agamben, tanto a biopolítica pensada por Foucault como os modos de interpretação de Arendt sobre os campos de concentração como destruição do espaço público e político são expoentes da vida nua por serem dispositivos que dessubjetivam a existência humana a resumindo para as orientações dos discursos de poder dos soberanos.